

**35º Encontro Anual da Anpocs**

GT15 - Gênero, deslocamentos, militâncias e democracia

**Uma política travesti: notas etnográficas sobre a campanha  
eleitoral de Fernanda Benvenutty na Paraíba**

Silvana de Souza Nascimento

Agosto de 2011

## **Uma política travesti: notas etnográficas sobre a campanha eleitoral de Fernanda Benvenutty na Paraíba**

Silvana de Souza Nascimento<sup>1</sup>

“A vontade simples de ser igual em sua diferença”  
(Luciel Araújo, jornalista paraibano)

Este paper é resultado de um desdobramento de uma pesquisa etnográfica, realizada entre 2009 e 2011, que buscou mapear e compreender trajetórias e redes de sociabilidade de mulheres que se prostituem, travestis, transexuais e transformistas em dois lugares distintos da Paraíba: na capital João Pessoa e na região do Vale do Mamanguape, no Litoral Norte do estado. A pesquisa demonstrou a existência de uma pluralidade de redes de relações e identidades de gênero que escapam ao modelo da heteronormatividade compulsória e, ao mesmo tempo, colocam em questão a construção de identidades políticas que são constantemente acionadas pelos movimentos LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais)<sup>2</sup>. Observou-se que, entre essas definições, há novas articulações que possibilitam pensar em transitividades ou deslocamentos de gênero e de sexualidade. Essa transitividade é observada em diferentes espaços, em maior ou menor grau: no circuito do sexo e da beleza (espaços de prostituição, espetáculos e concursos de drag queens e misses) e no circuito dos movimentos sociais LGBTs. Nesse texto, darei atenção a esse último a partir da trajetória e da militância de Fernanda Benvenutty, travesti que foi duas vezes candidata a vereadora por João Pessoa e, na última eleição, candidata a deputada estadual pelo Partido dos Trabalhadores (PT)<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Silvana de Souza Nascimento é profa. adjunta I do departamento de Ciências Sociais do Campus Litoral Norte, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É pesquisadora associada do NAU (Núcleo de Antropologia Urbana) da USP e coordenadora do Grupo de Pesquisa em Etnografias Urbanas (Guetu) da UFPB.

<sup>2</sup> A pesquisa – “Entre campos, mares e trajetos – experimentos etnográficos no Litoral Norte da Paraíba”, financiada pelo CNPq, teve a participação de três alunas de graduação em Antropologia da UFPB, com bolsa de iniciação científica: Verônica Alcântara Guerra, Lívia Freire da Silva e Luzicleide de Lima Bernardo.

<sup>3</sup> Agradeço o acolhimento e valiosas informações de José Cleudo Gomes, membro do Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos da UFPB, que foi assessor da campanha de Fernanda Benvenutty nas duas últimas eleições.

Um dos primeiros contatos iniciados com Fernanda deu-se a partir de um acontecimento trágico que ocorreu no final do primeiro ano de pesquisa de campo, em dezembro de 2009. Uma de nossas principais informantes, Marta, uma jovem travesti de 19 anos, foi brutalmente assassinada em Recife, onde tentava ganhar mais dinheiro na prostituição para colocar silicone e deixar seu corpo mais desejável e adequado ao mercado do sexo. Sua morte repentina causou pesar entre as pesquisadoras da equipe e dúvidas quanto ao andamento de nossa investigação. Assim, entrei em contato com Fernanda, com o intuito de compartilhar este triste evento e ela nos confirmou que esse caso era apenas mais um entre muitos assassinatos que ocorriam de travestis e transexuais no Brasil todos os dias<sup>4</sup>. Desse contato inicial, aos poucos nos aproximamos de seu trabalho como militante na Associação das Travestis e Transexuais da Paraíba (ASTRAPA) e no movimento LGBT. A pesquisa etnográfica desdobrou-se também em um projeto de extensão, que está no seu segundo ano, que busca promover ações afirmativas de combate à homofobia e fortalecer o diálogo entre as organizações e movimentos LGBTs com a Universidade Federal da Paraíba.

Não apresentarei, nesse trabalho, uma reflexão sobre antropologia da política, mas um relato etnográfico de um fragmento da trajetória pessoal e política de Fernanda Benvenuto, especialmente no que se refere a sua campanha eleitoral como deputada estadual pela Paraíba nas últimas eleições. Sua candidatura foi construída como uma representação (mas não única) do movimento LGBT na Paraíba, aglutinando diferentes associações e grupos. Ao mesmo tempo, realizou um trabalho microscópico em casas e bairros, apresentando propostas de forma a não colar à sua imagem somente às bandeiras LGBTs, mas ampliar seu público a setores populares e ao público heterossexual.

Por meio de minha aproximação ao movimento LGBT e, como membro do Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos da UFPB, pude observar o seu estilo

---

<sup>4</sup> Segundo relatório sobre a situação dos direitos humanos na Paraíba de 2009, produzido por organizações não-governamentais, militantes de Direitos Humanos, coletivos populares e movimentos sociais, mais de 90 pessoas LGBTs foram assassinadas. Estudos da Rede de Informação Tecnológica Latino Americana (RITLA) e do Instituto Sangari, em parceria com o Ministério da Justiça e o Ministério da Saúde, apontam para um grande crescimento de mortes violentas na região metropolitana da capital paraibana.

de militância e de fazer política. Acompanhei a inauguração de sua campanha, discursos públicos, manifestações, visitas domiciliares, uma viagem à sua cidade natal (Remígio), seminários, além de suas postagens em seu blog<sup>5</sup> e nas redes sociais virtuais como o twitter e o orkut.

### **Em todos os lugares**

Fernanda Benvenutty poderia ser apresentada de múltiplas maneiras e é difícil descrevê-la de modo sintético. Uma das formas de apresentá-la relaciona-se à sua militância e à maneira como ela se pensa e pensa as travestis. Em discurso proferido durante a I Conferência Nacional de GLBT, realizada em Brasília, em junho de 2008, ela disse:

As pessoas insistem em colocar as travestis no patamar de marginais, de coitadinhas, de vítimas e, quando uma travesti tem uma atitude, querem colocar nos nossos olhos e na nossa boca um tarja escura, para não enxergarmos as travestis que são artistas, as travestis que são engenheiras, as travestis que são empregadas domésticas, as travestis que são advogadas, saudosamente, a nossa querida Janaína Dutra, que fazia esse papel muito bem e outras e outras travestis, porque as travestis, nesse país e no mundo, elas não estão apenas única e exclusivamente na prostituição, elas estão em todos os lugares (Anais da Conferência Nacional GLBT, 2008, p. 89).

Fernanda é uma travesti que pertence a muitos lugares. Trabalha há 20 anos como técnica em enfermagem e, atualmente, como funcionária pública, é parteira na Maternidade Cândida Vargas e também exerce a profissão no Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, ambos na cidade de João Pessoa. Tem 50 anos e é mãe de dois filhos (um casal). Apesar de ter saído de casa na adolescência, e ter entrado em sérios conflitos com sua família, não perdeu o vínculo com seus parentes. E ainda manteve o sobrenome do pai traduzindo-o

---

<sup>5</sup> [www.fernandabenvenutty.blogspot.com](http://www.fernandabenvenutty.blogspot.com)

para o italiano e adaptando-o ao universo *glamouroso* das travestis: de Eliziário Bemvindo para Fernanda Benvenuto.

Fernanda foi uma das primeiras travestis na Paraíba a concluir os estudos e se tornar uma referência para a família, amigos e para militantes de movimentos sociais, dentro e fora do estado. Divide-se, hoje, juntamente com sua mãe idosa em educar um casal de filhos adotivos e defender direitos e liberdades em vários segmentos sociais LGBT, mulheres, negros, cultura, juventude, pessoas com deficiência, idosos e indígenas (Folder da campanha de 2010)

Talvez pudéssemos adotar alguma definição do termo travesti considerando que ele comporta uma complexidade interna e depende de uma auto-identificação.

“O termo travesti se aplica a um universo complexo e heterogêneo composto de intelectuais, artistas, prostitutos, transformistas ou transexuais. Esse rico universo comporta, inclusive, descontinuidades irreconciliáveis. (...) É claro que há travestis que não se prostituem. E, muito provavelmente, o travesti que pratica a prostituição deve representar uma minoria insignificante no universo maior dos que praticam o travestismo. E há inúmeras outras possibilidades de viver a experiência travesti, inclusive mantendo a heterossexualidade” (SILVA, 2007, p. 29).

Entretanto, para a protagonista principal deste paper, como representante do movimento LGBT, a categoria travesti refere-se a uma pessoa no sentido biológico, mas que possui uma identidade de gênero feminina ou masculina independentemente de seu sexo. Relaciona-se, assim, na sociedade, como homem ou mulher. No campo observado, são usados os termos “transgêneros”, “travestis” e “transexuais”, sendo o primeiro mais abrangente, o segundo relativo a pessoas que possuem o gênero feminino, mas mantêm suas genitálias

biológicas e o terceiro relativo à mudança de sexo e da sua identidade de forma mais ampla<sup>6</sup>.

Ao longo de sua trajetória, percebe-se que Fernanda Benvenuto transita por diferentes universos e, apesar de ser uma das fundadoras da Associação das Travestis e Transexuais da Paraíba (ASTRAPA) circula por ambientes familiares heteronormativos e universos femininos digamos “tradicionais”. Ela não se encontra em um lugar fixo, mas de multipertencimento e transita por diferentes redes sociais. Para Gilberto Velho (2003), esse multipertencimento permite a realização de projetos individuais e coletivos de grupos, redes e círculos sociais. Não seria propriamente um fluxo contínuo, sem fronteiras, mas pertencimentos definidos por regras e símbolos multilocalizados.

Ela também é fundadora da escola de samba Império do Samba, que tem ganhado consecutivamente os últimos desfiles em João Pessoa representando o bairro popular do Roger. Alterna seu trabalho como mãe, parteira e organizadora de desfiles no carnaval, com as intensas atividades de militância em diferentes cidades do país. Fez parte da vice-presidência da Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros (ANTRA) e hoje é conselheira fiscal e representante estadual na Paraíba da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT). Continua como integrante da ASTRAPA e compõe o recém-criado Fórum LGBT da Paraíba, que reúne diferentes grupos militantes do estado, com interesses distintos.

Por ela mesma, Fernanda define-se como “política 24 horas, não adianta você dizer que você não é um ser político. Agora a política partidária ela é muito importante, eu não me vejo fora da política partidária. sendo ou não candidata” (Entrevista, João Pessoa, agosto de 2011).

---

<sup>6</sup> Essas classificações estão presentes em diferentes materiais de divulgação do movimento e das organizações LGBTs.

Candidatou-se a cargos políticos três vezes. Nas eleições de 2004 e 2008, foi candidata a vereadora, e em 2010, a deputada estadual, todas as candidaturas filiadas ao PT. A primeira iniciativa de sua candidatura, segundo ela, nasceu de uma experiência acumulada que tinha na participação em campanhas de diferentes políticos no interior e na capital e, impulsionada pelo desejo de combater o preconceito contra homossexuais, e observando a falta de espaço político para LGBTs, candidatou-se de forma individual, sem apoio de um coletivo. *A primeira vez a gente tem que se jogar.* E na tentativa de buscar apoio no movimento LGBT para sua campanha, ingressou na militância LGBT no mesmo momento de fundação da ASTRAPA, em 2002. No mesmo ano, assumiu a presidência da associação. Dos bastidores das campanhas projetou-se para uma vida pública e uma carreira de militância LGBT.

*Eu abri mão de muita coisa para militar no movimento LGBT porque militância eu sempre fiz, quer dizer cada um de nós é militante da sua forma quando você consegue vencer o preconceito ali, quebrar uma barreira ali, agora militante no coletivo foi aí que o movimento me absorveu. Eu paguei economicamente para fazer movimento e ainda pago. Com o movimento eu me projetei. (Fernanda Benvenutty, entrevista, agosto de 2011)*

## **Política e militância**

A ASTRAPA, da qual Fernanda foi presidente durante sete anos, surgiu a partir de um movimento anterior que reunia militantes LGBTs de diferentes segmentos: o MEL (Movimento do Espírito Lilás). Este nasceu em 1992, decorrência de grupos que já se organizavam informalmente desde a década de 1980, como o “Nós Também”, composto por docentes e discentes universitários e o “Beira de Esquina”, gays oriundos das classes populares. Acompanhando o movimento histórico nacional, o MEL começou suas atividades na prevenção das DSTs/AIDS e na defesa dos direitos humanos de homossexuais na Paraíba.

A violência contra homossexuais tem sido a preocupação central do MEL, haja vista a presença da homofobia na Paraíba. Nesse sentido, o MEL tem mobilizado a opinião pública através dos meios de comunicação de massa, das entidades e das organizações de direitos humanos e dos movimentos sociais e populares no sentido de denunciar e anunciar a proteção e a defesa da pessoa violentada e, ao mesmo tempo, contribuir para a construção de uma consciência que respeite a diversidade de qualquer natureza (VIEIRA, 2008, p. 158).

A partir da mobilização do MEL, travestis e transexuais demonstraram a necessidade de dar um foco maior a esse público, e assim nasceu a ASTRAPA em 2002, que tem como propósito “articular, mobilizar, propor e monitorar políticas públicas de superação e enfrentamento à discriminação e à violência homofóbica e fortalecer a auto-estima e promover a cidadania plena de travestis e transexuais” ([www.astrapa.blogspot.com](http://www.astrapa.blogspot.com)). A partir de lideranças travestis e transexuais, a associação apresenta uma dinâmica segmentada que oscila entre momentos de realização de projetos e recebimento de financiamentos e conflitos entre as integrantes e problemas financeiros e de infra-estrutura.

Nesse mesmo ano, também a partir do MEL, foi formado o “Grupo de Mulheres Lésbicas Maria Quitéria”, com o propósito de combater a homofobia, contribuir nas políticas públicas para a diversidade sexual e fortalecer a auto-estima, a saúde, a cidadania e os direitos humanos de mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais. O nome do grupo surgiu em homenagem a uma mulher nordestina que, no século 18, lutou pela independência do Brasil e que recebeu a alcunha de “mulher-soldado”. Sob a coordenação das três organizações LGBT em João Pessoa, em 2002, foi realizada a 1ª Parada Gay em João Pessoa. Ainda no final de 2002, mais uma organização foi inaugurada, o “Gayreiros do Vale do Paraíba”, na cidade de Itabaiana, interior do estado, também com o intuito de atuar no atendimento e na prevenção ao HIV/AIDS para todo o público LGBT da região por meio de ações educativas, campanhas, oficinas, palestras, eventos artístico-culturais, etc.



Em 2003, uma importante campanha foi lançada no Congresso Nacional e deu visibilidade às reivindicações do movimento trans: a Campanha Nacional “Travestis e Respeito - Já está na hora dos dois serem vistos juntos. Em casa. Na boate. Na escola. No trabalho. Na vida”. Um ano depois, também outra campanha foi lançada com o intuito de promover a cidadania e os direitos humanos do público LGBT e combater a violência e à discriminação homofóbicas: a Campanha Brasil sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra LGBT e Promoção da Cidadania Homossexual, lançada pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos, do Governo Federal.

Em 2004, foi fundada a Associação de Homossexuais de Campina Grande (AHCG), “com a missão de lutar pela consolidação da cidadania LGBT na cidade de Campina Grande e compartimentos da Serra da Borborema. Tem participação efetiva no Fórum ONG/AIDS-PB e na formação de redes regionais e nacionais que discutem temáticas relacionadas à vivência dos homossexuais, a conquista da cidadania e qualidade de vida” ([ahcgonline.blogspot.com](http://ahcgonline.blogspot.com)). Em Campina Grande, há outra associação que atende travestis e homossexuais profissionais do sexo, a CIPIMAC (Centro Informativo de Prevenção, Mobilização e Aconselhamento aos Profissionais do Sexo). No sertão da Paraíba, a única entidade da sociedade civil organizada é a Associação do Orgulho LGBT de Cajazeiras. Há outras regiões também que têm realizado mobilizações contra a homofobia como Mari, Guarabira, Mamanguape e Baía da Traição.

Nesse ano, Fernanda Benvenutty, então, candidata-se a vereadora pelo PT não como um nome indicado pelo movimento, mas como espécie de candidata autogestionária que tinha apoio de alguns atores e segmentos LGBTs. Assumindo a bandeira das minorias e das classes populares, apresentou uma proposta ampla que pudesse contemplar temas clássicos como saúde, esporte e cultura.

*Não queria fazer uma campanha estereotipada, queria fazer uma campanha normal como qualquer outra pessoa porque o diferente era eu ser travesti. Foi uma candidatura difícil, a gente sabia, mas teve uma boa aceitação. Quem apoiava era o deputado Luiz Couto dentro do partido Teve pessoas que apoiaram, mas não queriam aparecer. A campanha foi de um grupo muito pequeno. Não tinha grana. (Fernanda Benvenutty, entrevista, agosto de 2011)*

Nessa primeira tentativa, obtive 935 votos e ela avalia esse resultado positivamente. A surpresa foi que grande parte de seus/suas eleitores/as eram heterossexuais.

*O movimento [LGBT] não estava dentro da campanha. Minha avaliação é que 80% dos votos que eu tive não foram dos homossexuais, foram de heteros, Fiquei triste por esse lado depois eu me conformei. Tive mais manifestações públicas de carinho dos heteros. . (Fernanda Benvenutty, entrevista, agosto de 2011)*

Fruto de um convênio entre a Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República e a ASTRAPA foi criado, em 2005, o Centro de Referência em Direitos Humanos de Prevenção e Combate à Homofobia de João Pessoa, que ofereceu serviços e atendimentos na área de direito, assistência social e psicologia. Nesse mesmo ano, a prefeitura municipal lançou a Lei 10.501/2005, que institui o dia 28 de julho como Dia Municipal da Diversidade Sexual. Este centro de referência teve curta duração devido ao orçamento reduzido.

A segunda campanha, realizada em 2008, teve como lema “Respeito acima de tudo” e já contou com o apoio mais sólido do movimento LGBT. Esse apoio não significa que integrantes do movimento não tenham votado nem participado de campanhas de outros candidatos. Ela obteve um salto significativo em relação à eleição anterior: 1478 de votos. Nesse momento, a trajetória de sua candidatura passa a acompanhar as conquistas e marcos históricos do movimento paraibano

LGBT. José Cleudo Gomes, que foi assessor de sua campanha durante duas eleições, tem sua percepção sobre a fragilidade das candidaturas LGBTs:

Apesar do grande número de candidatos LGBT, o segmento não consegue eleger seus legítimos representantes, dependendo de “aliados” como porta-vozes. As candidaturas deveriam ter sido construídas a partir da análise de conjuntura nacional e local, considerando as especificidades de cada município e assim o movimento poderia ter contribuído de forma coesa para o fortalecimento destes candidatos no pleito. Além disso, a homofobia internalizada e a baixa politização dos homossexuais fazem com que o voto orientado, prática comum na política permaneça nesta comunidade (GOMES, 2009, p. 4).

Em 2008, foi realizada em João Pessoa, assim como em diferentes capitais do país, a 1ª Conferência Municipal de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, em preparação para a 1ª Conferência Nacional LGBT. Desta conferência foi construído o Primeiro Plano Nacional de Cidadania e Direitos Humanos LGBT. Em julho de 2009, outra conquista foi realizada com a inauguração da 1ª Delegacia Especializada de Crimes Homofóbicos de João Pessoa. Grande parte dos crimes não é notificada e mesmo os homicídios não são devidamente investigados e qualificados como homofóbicos<sup>7</sup>.

Em resposta a essa situação, a Secretaria de Desenvolvimento Humano do Estado da Paraíba (SEDH/PB) publicou a Portaria nº 041/2009 que estabelece o uso do nome social das travestis e transexuais nas unidades de atendimento da SEDH. Na Paraíba, a SEDH/PB foi instituição pioneira nessa iniciativa, cuja normativa foi assinada em 11 de setembro de 2009, durante o Seminário Cidadania e Direitos Humanos de LGBT, na Escola de Serviço Público do

---

<sup>7</sup> Segundo pesquisas do Grupo Gay da Bahia, a violência contra homossexuais tem crescido nos últimos anos. De 1980 a 2007, foram registrados 2.998 crimes. Em 2008, foram registrados 190 casos de homicídio de homossexuais no país, o que significa que, no Brasil, um homossexual é assassinado a cada dois dias. Em relação às travestis, os números podem ainda ser maiores, pois os homicídios são registrados com nomes masculinos, o que significa que se ignora a identidade de gênero e orientação sexual das vítimas.

Estado da Paraíba (ESPEP), com a participação de 150 servidores/as públicos estadual das mais diversas áreas, desde educação, saúde, assistência social, segurança pública e administração penitenciária.

Seguindo o avanço da legislação estadual, a Prefeitura Municipal de João Pessoa também instituiu documento semelhante do uso do nome social, estendendo sua amplitude para as Secretarias de Desenvolvimento Social, Educação e Saúde, a partir da Portaria nº 384/2010, de 23 de fevereiro de 2010, atendendo inclusive as travestis matriculadas na Rede Pública de Ensino. De acordo com a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), hoje no Brasil há 11 Estados e oito municípios que regulamentaram a adoção do nome social nas escolas, contando ainda com mais quatro Estados que dispõem de documentos específicos nas secretarias de assistência social e saúde<sup>8</sup>. O direito ao uso do nome social, para o movimento de travestis e transexuais, representa uma porta de acesso para os serviços de atenção básica dos governos e para facilitar a entrada desses grupos nas escolas. Com exceção das lideranças que conhecemos na ASTRAPA, as demais travestis e transexuais que tivemos contato ao longo da pesquisa são analfabetas ou semi-analfabetas e freqüentaram a escola no máximo até o segundo ou terceiro ano do Ensino Fundamental. Além disso, raramente tem algum conhecimento das conquistas realizadas pelo movimento LGBT nos últimos anos e não freqüentam associações e organizações.

Em maio de 2011, o governo do estado da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humanas, inaugurou o Centro de Referência dos Direitos LGBT e Combate à Homofobia, localizado no centro de João Pessoa. Esse centro absorveu alguns integrantes das organizações e associações LGBTs. De um lado, essa absorção mostrou-se fundamental por abrir o mercado de trabalho para pessoas LGBTs. De outro lado, enfraqueceu as posições de liderança estabelecidas e o movimento está se adequando ao

---

<sup>8</sup> Há no Senado Federal o Projeto de Lei da Câmara nº 72/2007 que possibilitará a substituição do prenome de pessoas transexuais, mas ainda não foi ao plenário, paralelamente por intermédio da mobilização e da articulação do movimento LGBT em vários Estados da Federação há normativas que estabelecem o uso do nome social das travestis e transexuais.

novo contexto. Além disso, a ASTRAPA e o Grupo de Mulheres Lésbicas Maria Quitéria perderam sua sede, o que desestimulou a atuação de diversos/as integrantes. Ao mesmo tempo, o MEL, sob a direção de Luciano Vieira, um dos fundadores dessa organização, tem ganhado maior visibilidade no âmbito regional e tem incorporado a atuação de jovens militantes universitários, como Renan Palmeira, que assumiu a vice-presidência da organização.

### **“A voz de todas as bandeiras”**

Nas eleições de 2011, Fernanda Benvenutty lançou-se candidata a deputada estadual e atrelou sua campanha ao apoio ao governo Dilma, ao candidato ao governo do estado Zé Maranhão e ao deputado federal Luiz Couto. Este deputado, professor adjunto da UFPB e padre, tem uma vasta carreira política que acompanha os movimentos sociais populares. Especialmente nesta campanha, foram produzidos santinhos em que Fernanda aparecia ao lado de Luiz Couto, uma imagem emblemática da complexidade dos movimentos sociais: uma travesti e um padre.

No dia do lançamento de sua campanha, em agosto de 2010, estiveram presentes representantes de religiões de matriz africana, inclusive pais e mães de santo; grupo de capoeiristas; das escolas de samba e de variados movimentos sociais: de mulheres, indígenas potiguara, LGBTs, de moradia; etc. Pode-se notar categorizações que traduzem as bandeiras da campanha da candidata: defender o direito das minorias (negros, mulheres, indígenas, culturas populares, artistas, LGBTs, sem-teto, etc.). Não por acaso o lema da campanha foi: “a voz de todas as bandeiras”. E essa voz, na inauguração da campanha, foi abençoada pelas forças de lança.

Diferentemente das campanhas à vereadora, teve a oportunidade de circular por várias cidades do estado. Vinculada a sua profissão como parteira e sua vasta experiência no campo da saúde da mulher e dos direitos reprodutivos, teve apoio significativo de mães e donas de casa, de diferentes gerações. Talvez, esse apoio deve-se ao fato de que um de seus estilos de campanha foi realizar visitas domiciliares e adentrar nos espaços íntimos de casas de potenciais eleitoras/es. Visitou diferentes bairros populares e periféricos de João Pessoa:

Geisel, Valentina Figueiredo, Centro, Cristo, Mangabeira, Alto do Mateus, etc. Principalmente mulheres recebiam Fernanda carinhosamente e chamavam amigas e vizinhas para conhecer a candidata. Fernanda abraçava as pessoas, posava para fotografias, estava presente em almoços e churrascos. Do lado de fora das casas, curiosos tentavam entender o que se passava e algumas vezes negavam-se a conhecer a candidata simplesmente pelo fato de sua identidade de gênero não corresponder a do seu sexo biológico. Com perspicácia e jogo de cintura, teve habilidade em transitar por diferentes ambientes de forma mais ou menos segura. Em suas visitas, estava sempre ao lado de sua equipe de campanha, composta de três a quatro pessoas, membros de organizações LGBTs.

### **Caminhando pelos cariris**

Além de João Pessoa, Fernanda e sua equipe visitaram outras cidades como Campina Grande, Cabedelo, Itabaiana, Catolé do Rocha, Caaporã, Bayeux, Santa Rita, Arara, Sapé, Cajazeira, Sousa, Baía da Traição, Guarabira, etc. e também foram para a sua terra natal: Remígio, cidade localizada no agreste paraibano, conhecido como cariri paraibano, com aproximadamente 15 mil habitantes. Com exceção de sua família, antigos amigos e vizinhos a reconheciam como Eliziário e ela parecia não se incomodar com fato das pessoas a chamarem pelo nome dado durante a pesquisa.

À medida que Fernanda caminhava na cidade, lembrava-se dos seus tempos de infância e adolescência. Ela me apresentou sua cidade, revivendo pedaços de sua história. Em Remígio, visitou vários parentes – irmãos, tios, sobrinhos, cunhadas. Em cada casa, deixava santinhos e pregava adesivos e cartazes nas portas, demarcando espacialmente sua campanha eleitoral. Em toda a cidade, podia-se realizar uma cartografia eleitoral a partir das propagandas das casas. Em cada visita, ouvíamos sempre a promessa do voto e de um compromisso pessoal com Fernanda.

Algumas pessoas nas ruas e calçadas demoravam a reconhecê-la e muitas vezes chamavam-na pelo nome de nascimento – Eliziário Bemvindo da Silva. Inclusive seu próprio pai apostava que, se ela tivesse colocado nome masculino

no material de campanha, ela ganharia mais votos de pessoas conhecidas da família. Depois de duvidar, o pai também resolveu colocar uma bandeira da filha ou do filho na porta de sua casa. O sobrenome Benvenutty foi uma forma de dar continuidade ao sobrenome familiar, Bemvindo, traduzido livremente para o italiano.

Na sua cidade natal, Fernanda pôde visitar lugares onde pouco freqüentou ao longo desses anos e rever pessoas que, até então, conheciam Eliziário e não Fernanda. O retorno às suas origens possibilitou uma atualização do presente reforçando sua ascensão social, retornando à sua cidade não mais como um rapaz que “dava muito trabalho” para a família, mas como uma travesti bem sucedida, candidata a deputada estadual pelo PT.

Do ponto de vista das travestis que observamos no nosso trabalho de campo na Paraíba, o passado é visto como algo que se deseja superar. Esta superação acontece por ruptura com a família, em casos de extrema violência e intolerância, ou por distanciamento. Temos visto que muitas delas mantêm o vínculo com sua cidade natal, enviam dinheiro e presentes para a família e retornam em grande estilo, seja como candidata a deputada no caso de Fernanda, seja com um belo carro do ano, um sapato caríssimo comprado na Europa, um corpo todo feito, com belo par de seios de silicone comprados em São Paulo, etc. Desse modo, mesmo as “européias” – que vão principalmente para a Itália e para a Espanha – retornam para suas cidades natais, em pequenos municípios no interior. No caminho para ascender socialmente e ter sua identidade como travesti valorizada de algum modo, há uma hierarquia de lugares, que organizam suas escolhas de acordo com sua situação econômica e também a partir das redes de relações criadas entre travestis de diferentes lugares: municípios rurais > municípios urbanos (de média escala) > capitais > cidades da Europa (mobilidades transnacionais). Fernanda realiza justamente este trânsito entre diferentes cidades, com diferentes escalas, não necessariamente almejando sair da Paraíba e morar no exterior.

Nesse sentido, usamos a proposta de Regina Facchini de pensar o movimento LGBT a partir de “conexões ativas”.

Considero importante não isolar, na análise do movimento, os atores que constituem o movimento propriamente dito – os grupos e organizações que se reconhecem e são reconhecidos como parte dele – de outros atores com os quais se relacionam no cotidiano da militância (FACCHINI, 2005, p.119).

Essas conexões que vão além do espaço da política institucionalizada permitem compreender as relações sociais envolvidas e, no caso de Fernanda, dos diálogos entre o universo do movimento LGBT e o campo dos heterossexuais.

Em muitos casos, essa compreensão é fundamental para percebermos que a política opera com valores da sociedade mais abrangente, tradicionalmente associados a outras esferas da vida social, como família e religião, mas considerados ilegítimos quando operados na esfera política. Isso não quer dizer, obviamente, que se queira justificar nem defender essas práticas – cumpre, antes de tudo, compreendê-las. (KUSCHNIR, 2007, p. 165)

Foi justamente na esfera da família e das mulheres e das religiosidades de matriz africana que a campanha de Fernanda apoiou-se para se fortalecer e ampliar sua área de atuação. Como ela mesma diz, foi eleita pelos eleitores/as heterossexuais e recebeu deles mais manifestações de admiração.

Na visita a duas casas de seus familiares, Fernanda me mostrou os lugares onde ela ficava escondida quando seu pai brigava com ela. Eram casas onde podia estar protegida e sentia-se segura. Bem no início da cidade, fomos parados por um policial que nos solicitou a autorização para o carro de som da campanha. Era preciso uma autorização do cartório local para a circulação do carro de som e lá fomos para o cartório, no centro da cidade. Fernanda me contou que aquela região do cartório era muito bonita e que andava tudo ali, livremente.

Diferentemente da história de muitas travestis no Brasil, que se identificam com a socialização feminina e com a educação das meninas, Fernanda só andava



como meninos, jogava futebol e corria pelos sítios. Segundo ela, *por que menina não podia sair assim pelos sítios então eu saía com os meninos*. Lembrou do pé de jaca dura que havia próximo ao cartório e também do sítio em que roubava laranjas. Ao mesmo tempo em que participava das brincadeiras dos meninos, ela também namorava meninos. Isso lhe custou uma dura repressão familiar, conflitos com o pai e que a levou a sair de casa ainda na adolescência. Mas ela não fugiu simplesmente de casa e foi para a capital, acompanhou um circo, onde havia um jovem rapaz por quem tinha se apaixonado. Interessante notar a maneira como Fernanda relembra seu passado de forma bucólica, quase um estereótipo da vida no campo, onde crianças brincam livremente, sobem em árvores, correm, roubam frutas dos sítios, etc.

Fomos então a um desses sítios, onde vive uma antiga conhecida da família. Fernanda me mostrou uma enorme árvore – um pé de jabuticaba – onde ela brincava e, certas vezes, era amarrada pelo pai. Em baixo desta árvore, em meio a uma bela paisagem do semi-árido paraibano, fizemos várias fotografias. Sem rancor, Fernanda olhava altivamente para a paisagem e se queixava que estava tudo mudado.

Em cada visita, ouvíamos sempre a promessa do voto e de um compromisso pessoal com Fernanda. Contudo, algumas pessoas nas ruas e calçadas demoravam a reconhecê-la e muitas vezes chamavam-na pelo nome de nascimento – Eliziário Bemvindo da Silva. Inclusive seu próprio pai apostava que, se ela tivesse colocado nome masculino no material de campanha, ela ganharia mais votos de pessoas conhecidas da família. Depois de duvidar, o pai também resolveu colocar uma bandeira da filha ou do filho na porta de sua casa. O sobrenome Benvenutty foi uma forma que Fernanda encontrou de dar continuidade ao sobrenome familiar, Bemvindo, só que em italiano.

Ainda nas caminhadas por Remígio, paramos numa simpática praça, onde Fernanda encontrou uma conhecida. Sentamos e conversamos ali por um bom tempo. De forma nostálgica, contou que a praça era o lugar onde todos se encontravam e namoravam. Entre os jovens, ela não se via constrangida em assumir sua identidade feminina e paquerar rapazes. Hoje, o lugar de

sociabilidade jovem em Remígio não é mais a praça, mas a Lagoa – uma pequena lagoa que é uma réplica da lagoa do Parque Sólon de Lucena em João Pessoa.

Na sua terra natal, Fernanda pôde visitar lugares onde pouco freqüentou ao longo desses anos em que se desvinculou de Remígio. Normalmente, só vai a Remígio visitar irmãos e tios e não circula por toda a cidade. Para terminar esse dia de campanha com Fernanda, fomos visitar uma casa onde ela trabalhou como doméstica e cuidava dos filhos da patroa. Foi no momento em que ela trabalhava nesta casa que ela foi atrás do rapaz do circo, por volta dos 14 anos. Fernanda chegou a retornar para Remígio e ainda completou o Ensino Médio por lá. Mas esta saída com o circo foi o início de um processo de migração para João Pessoa, onde mora até hoje<sup>9</sup>.

Essa passagem por Remígio revela a maneira pela qual os territórios – casas, ruas, árvores, sítios - estão vinculados a uma história de vida e uma apropriação política do espaço no plano simbólico (PERLONGHER, 2008 [1987]). E quando esses espaços são lembrados e revividos, anos depois, são atualizados e ganham novos significados. Fernanda sai de Remígio como Eliziário, um rapaz homossexual, magro, que deu muito trabalho à família e namorava muitos meninos. Eliziário retorna a Remígio como Fernanda, uma mulher madura que tem um projeto político muito claro: defender os direitos humanos e a cidadania de travestis e transexuais.

---

<sup>9</sup> O retorno à sua cidade natal atualiza o presente reforçando sua ascensão social. Na relação campo e cidade, há uma hierarquia onde o universo rural representa a não possibilidade de se assumir como homossexual e lugar do conservadorismo e o universo urbano um leque de possibilidades *Eu ainda não desisti desse sonho. Pra mim eu acredito que ainda dá. Não sei se vai ser possível. Estou articulando com o movimento para a gente tentar mais uma vez. Agora não é um sonho só meu, é um sonho de muita gente, inclusive de heterossexuais. Não cabe mais a mim desistir.* (Fernanda Benvenutty, entrevista, agosto de 2011). e escolhas tanto afetivas quanto sociais e econômicas.

## Considerações finais

O resultado das eleições não foi o esperado, apesar do crescimento significativo do número de eleitores/as em relação aos anos anteriores. Fernanda obteve 2.782 votos.

*Eu ainda não desisti desse sonho. Pra mim eu acredito que ainda dá. Não sei se vai ser possível. Estou articulando com o movimento para a gente tentar mais uma vez. Agora não é um sonho só meu, é um sonho de muita gente, inclusive de heterossexuais.*

(Fernanda Benvenutty, entrevista, agosto de 2011).

Passados os burburinhos das eleições, alguns atores do movimento LGBT em João Pessoa avaliam que o movimento não tinha assumido, de forma coesa, a sua candidatura e, que, ao mesmo tempo, Fernanda tem se destacado como uma política que transborda (ou excede de modo não convencional) as fronteiras do movimento LGBT especialmente no âmbito regional. Sua candidatura aglutinou e segmentou diferentes associações e grupos. Ao mesmo tempo, realizou um trabalho microscópico em casas e bairros, apresentando propostas de forma a não colar à sua imagem somente às bandeiras LGBTs, mas ampliar seu público a setores populares. Apresentou também temas universais como família, saúde e violência, que esbarram em sua trajetória como travesti, parteira e técnica de enfermagem, e que, ao mesmo tempo, atraíram o interesse do universo feminino dito mais tradicional, baseado na heteronormatividade.

Observa-se que uma das tendências do movimento LGBT na Paraíba é dar ênfase a pessoas em nome de um coletivo, um coletivo fragmentado, que possui fissuras, diferenças de classe, de orientação sexual, de ideologia, de geração, de expectativas. Para além das identidades coletivas, há, portanto, a construção de um código-território que apresenta interseções, fluxos desejantes e mobilizações que envolvem relações de poder (PERLONGHER, 2008).

A trajetória política de Fernanda Benvenutty sugere uma possível reflexão sobre mobilidades entre formas hetero e homonormativas não no sentido da construção de novas identidades, mas de um trânsito que ao invés de excluir, aglutina, justapõe e amplia os limites entre diferentes modelos de relações de gênero e de sexualidade. Mas essa sugestão, que pode ser viável ou não, parece depender de um poder de autodeterminação articulado a mudanças nas normas passadas, normas vigentes e nas instituições.

Depende, segundo Judith Butler (2006), de “desfazer o gênero” e de uma “desposseção de si”. A relação crítica com as normas sociais depende de uma capacidade coletiva de elaborar uma visão alternativa de ideais e normas que os sustentem. É preciso pôr em cheque os termos pelos quais a vida é reprimida para dar lugar a condições de vida mais inclusivas ou, em suas palavras, que possam ampliar as fronteiras do “humano”.

### **Referências bibliográficas**

ANAIS da Conferência Nacional GLBT, Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Brasília/DF, 2008.

NETO, José Baptista de Mello; Agnoleti, Michele. “Cidadania ativa: elegibilidade e participação política das travestis”. *Seminário Internacional Fazendo Gênero – corpo, violência e poder*. 8º. 2008. Santa Catarina.

BRASIL. Brasil sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra LGBT e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BUTLER, Judith. *Défaire le genre*. Éditions Amsterdam, Paris, 2006.

FACCHINI, Regina. *Sopa de Letrinhas: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19 Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

GENTLE, Ivanilda, ZENAIDE, Maria de Nazaré e GUIMARÃES, Valéria (orgs.). *Gênero, diversidade sexual e educação: conceituação e práticas de direito e políticas públicas*. João Pessoa: Ed. UFPB/CEFET-PB, 2008.

GOMES, José Cleudo. “Desejo & Poder: análise de uma candidatura LGBT na Capital da Paraíba”, Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2009.

KUSCHNIR, Karina. “Antropologia e política”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 22, n. 54. São Paulo, 2007.

PELÚCIO, Larissa. “Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre prostituição travesti”. In: *Cadernos Pagu*. Campinas: PPGAS/Unicamp, nº 25, 2005 (pp. 217-248).

PERLONGHER, Nestor. *O Negócio do Michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo. Brasiliense, 2008 [1987].

SILVA, Hélio. *Travestis – entre o espelho e a rua*, RJ: Rocco, 2007.

TREVISAN, João S. *Devassos no Paraíso – A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. RJ e SP: Record. 2004.

VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (orgs.). *Pesquisas urbanas*, Zahar, RJ, 2003.

WITTIG, Monique. *La pensée straight*, Paris : Balland, 2001.